

A DESPALATALIZAÇÃO E CONSEQÜENTE IOTIZAÇÃO NO FALAR DE FORTALEZA

Maria do Socorro Silva de Aragão
UFC

1. INTRODUÇÃO

A descrição da língua portuguesa em suas variantes diatópicas e diastráticas, nos vários níveis de análise lingüística, desde o fonético-fonológico, ao léxico, ao morfo-sintático, até o semântico, é tarefa das mais importantes e das mais urgentes, para que se tenha um retrato fiel da língua portuguesa falada e escrita em nosso país.

Apesar de muitos trabalhos já realizados no nível fonético-fonológico, sobre vários falares regionais da língua portuguesa do Brasil, muito ainda precisa ser feito a fim de que se possa estabelecer uma norma ou normas dos aspectos fonético-fonológicos de nossa língua.

As pesquisas realizadas para a elaboração dos Atlas Lingüísticos já publicados em nosso país: Atlas Prévio dos Falares Baianos, Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais, Atlas Lingüístico da Paraíba, Atlas Lingüístico de Sergipe e Atlas Lingüístico do Paraná, já nos dão uma visão bastante ampla do que ocorre nesses estados e nessas regiões, em termos fonético-fonológicos.

Contudo, muitos dos materiais colhidos nessas pesquisas ainda estão à espera de análise e de divulgação e, ainda, não se tem feito análises comparativas dos fenômenos estudados, de sua ocorrência e de seu comportamento em estados ou regiões diferentes.

Sentindo essa carência no que diz respeito ao estado do Ceará, começando-se por sua capital, Fortaleza, é que nos propomos a realizar a pesquisa “A Despalatalização e Conseqüente Iotização no Falar de Fortaleza”, utilizando, para isso, o *corpus* colhido na pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses”.

Não há, que seja de nosso conhecimento, qualquer trabalho nesse sentido com um *corpus* colhido em Fortaleza, o que nos permitirá um trabalho original e de maior importância para um maior e melhor conhecimento da língua falada nessa capital.

A pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses” possui um *corpus* gravado, com o controle técnico-científico de todas as variáveis que possam influir quer lingüística, quer sociolingüisticamente nos seus resultados. Com base nesse *corpus* há, até o momento, apenas quatro trabalhos realizados: “Marcadores Conversacionais Dialetais: Dêiticos Discursivos e Sociais na Fala Cearense”, de José Carlos Gonçalves; “Enfraquecimento das Fricativas Sonoras” e “As negativas na Fala Cearense”, de Cláudia Nívia Roncarati de Souza, e “Marcadores Conversacionais na Fala Cearense”, de Maria Izabel S. Magalhães.

O *corpus* pode e deve, portanto, ser utilizado para outros tipos de análises de vários níveis e com suportes teóricos os mais diferentes.

Os resultados advindos desse tipo de pesquisa podem ser os melhores possíveis não só para a descrição e conhecimento do falar cearense, mas, principalmente, para serem utilizados didática e pedagogicamente no ensino da Língua Portuguesa, na alfabetização e em classes de 1º Grau.

Material didático e paradidático para esse nível de aluno, preparado com bases fonético- fonológicas, sem dúvida atingirá muito mais facilmente os alunos, uma vez que pode partir de seu universo sócio-lingüístico cultural.

O presente trabalho é um dos resultados da pesquisa “*A Despalatalização e Conseqüente Iotização no Falar de Fortaleza*”, que faz parte de uma grande linha de pesquisa sobre os Dialetos Sociais Cearenses, do Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Ceará.

A análise aqui apresentada foi feita com uma amostragem de 6 entrevistas extraídas do *corpus* integral. Nela, procuramos descrever e analisar a realização do / λ / e / η / do português falado em Fortaleza, sua despalatalização, iotização e seu apagamento, além de correlacioná-los com os contextos lingüísticos em que foram produzidos.

2. O FENÔMENO DA DESPALATALIZAÇÃO E IOTIZAÇÃO

O fonema / λ / é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, dorso-palatal e o fonema / η / como consoante vibrante, sonora, nasal, dorso-velar. Ambos ocorrem sempre em posição medial de sílaba medial ou final de palavras e, com raríssimas exceções, em posição inicial de alguns empréstimos espanhóis e no pronome de 3ª pessoa “lhe”. Ao tratar da posição das consoantes / λ / e / η / nas palavras, CÂMARA JR. (1972: 38) considera uma neutralização a posição não-intervocálica de / l - λ / e / n - η /.

Em suas palavras:

“ Podemos dizer que em posição não-intervocálica há uma neutralização das oposições entre [...] líquida dental / l / e líquida palatal, ou molhada / λ /, e entre nasal dental / n / e nasal palatal, ou molhada / η /, em proveito do primeiro membro de cada par”.

Em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação o / λ / e o / η / podem perder o traço palatal, passando a ser articulados como alveolares / l / e / n /, como iode / y /, ou sofrer apagamento, desaparecendo.

Autores há que consideram esse fato um fenômeno fonético. Outros acham que é um problema de influência africana, uma mudança fonética do latim para o português, ou ainda, um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema e não apenas uma articulação diferente dos fonemas / λ / e / η /.

A despalatalização, definida como perda de traço palatal na articulação de um fonema, pode ser vista também como variedade regional, social, estilística ou individual.

BERGO (1986: 70) ao falar sobre o assunto diz que é:

“ Fenômeno fonético de caráter individual ou regional, que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a ponta da língua na abóbada palatina ao proferir aquele som.”.

JOTA (1976: 103) além de considerá-lo fato fonético, considera-o fato estilístico quando diz:

“... O fato não é raro em linguagem descuidada de alguns, que mudam o NH ou LH por N ou L ...” e ainda regional quando afirma:

“... Em camadas rurais é comum [véyu] (velho), [muyé] (mulher)...”

Ao falar de iodização / iotização como um dos fatos decorrentes da despalatalização explica JOTA (1976: 179) que ela precede a palatalização na passagem do latim para o português, dizendo:

“ A iodização precede a palatalização: lat. milia > por. milya > milha...”

O autor (1976: 179) igualmente trata como ipsilonismo a passagem do / l / palatal em semiconsoante / y / afirmando que:

“ ...Na passagem do lat. para o por. ocorre na fase intermediária, anterior à palatalização: palia > palya > palha”.

Já MELO (1981) considera a despalatalização um caso sociolinguístico, de registro de linguagem popular, de pessoas incultas, ao dizer:

“Penso que a despalatalização seja fenômeno semi-culto, pois, muita vez, se ouve ligeira prolação do R final: mulér”.

Já a iotização (fio por filho) é fenômeno popular, em qualquer região do país”.

Para CÂMARA Jr. (1979) a despalatalização pode muitas vezes ser um fato fonológico, já que podemos ter mudança de significado do signo, tanto no caso de despalatalização / λ > l / como com a iotização / λ > y /, como diz ele:

“... no caso do molhamento, trata-se a rigor de uma iotização, mas temos que considerar o resultado uma consoante simples em virtude da possibilidade de contraste como olhos-óleos, venha-vênia.”

Mas ao definir a iotização o autor usa critérios fonéticos quando diz (1977: 149):

“ Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta / i / ou para a semivogal correspondente ou iode”.

Outra hipótese para a despalatalização e iotização do / λ / e do / η / é a da influência do português crioulo dos escravos ou do substrato indígena, como diz CÂMARA JÚNIOR (1979):

“É igualmente possível que [...] se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena...”

hipótese esta também levantada por outros estudiosos que vêem a despalatalização e iotização como uma marca da fala dos índios e africanos que tinham dificuldade de articular o / λ / e o / η /, como frisa SILVA NETO (1977):

“ ... No nosso caso particular e histórico, observamos que os aloglotas (mouros, índios e negros) se mostraram sempre incapazes de pronunciar o lh”.

Historicamente, pode-se também explicar o fenômeno uma vez que na passagem do latim pelo português a iotização antecede a palatalização. Assim, em latim havia o iode, que se palataliza no português, como nos casos de *milia* > *milya* > *milha* ou *foleam* > *folha* ou *somnium* > *sonho*, sendo que / $l + y$ / deram / λ / e / $n + y$ / deram / η /.

Ora, no caso da despalatalização, que leva à iotização, o movimento se inverteu, ou seja, o / λ / desdobra-se em / $l + y$ / e o / η / em / $n + y$ /.

Quanto ao apagamento do / λ > 0 / e / η > 0 / os autores não têm dado muita ênfase, com exceção de AGUILERA (1994: 219), que registra o fato no falar do Paraná, porém com ocorrência mínima, a não ser em palavras específicas como “silhão” e “trilho”.

3. O CORPUS ANALISADO

O *corpus* utilizado para a pesquisa “A Despalatalização e Conseqüente Iotização no Falar de Fortaleza” é o colhido pela pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses” e foi obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente. A amostra relativa às entrevistas foi organizada de acordo com a metodologia variacionista, levando em consideração as seguintes variáveis:

3.1. Localidades: Bairros de Fortaleza

- a) Serrinha
- b) Maracanaú
- c) Parquelândia
- d) Montese
- e) Conjunto Esperança
- f) Nova Assunção
- g) João XXIII
- h) Damas
- i) Quintino Cunha
- j) Ellery
- l) Henrique Jorge

3.2. Sexo

- a) Masculino
- b) Feminino

3.3. Faixa Etária

- a) 10-11 anos - (início da vida escolar - séries iniciais do 1º Grau)
- b) 14-15 anos - (término do 1º Grau - 5ª - 8ª séries)
- c) 18-25 anos - (término do 2º Grau e início da integração ao mercado de trabalho)
- d) 37-43 anos - (integração ao mercado de trabalho)

3.4. Grau de Instrução

- a) Analfabeto
- b) Primário
- c) Ginásio
- d) 2º Grau

3.5. Classe Social

3.5.1. Classe Social B (média)

- a) Tem casa própria confortável
- b) Tem carro
- c) Lê jornal, revista
- d) Tem alguma atividade intelectual
- e) Renda familiar acima de 5 salários mínimos

3.5.2. Classe Social C (baixa)

- a) Não tem casa própria
- b) Não tem carro
- c) Não lê jornal, revista
- d) Não tem atividade intelectual
- e) Renda familiar até 3 salários mínimos

A amostra inicial prevista para 72 entrevistas reduziu-se, por uma série de fatores, a 18 entrevistas, das quais 13 foram transcritas na primeira fase do projeto e 5 na segunda fase. Dessas entrevistas transcritas e que fazem parte do banco de dados publicado sob o título “*A Linguagem Falada em Fortaleza - Diálogos Entre Informantes e Documentadores - Materiais para Estudo*”, pela Universidade Federal do Ceará, utilizamos como amostragem para este trabalho apenas seis entrevistas.

4. ANÁLISE DA DESPALATALIZAÇÃO E IOTIZAÇÃO NO FALAR DE FORTALEZA

4.1. Análise Qualitativa

A partir de um *corpus* de 13 entrevistas realizadas por pesquisadores do Projeto de Pesquisa Dialetos Sociais Cearenses, com informantes de 11 bairros de Fortaleza, por faixas etárias que vão de 10 a 40 anos, homens e mulheres, com níveis de escolaridade entre o 1º e 2º Graus, de classe média baixa e de profissões variadas, utilizamos uma amostragem de 6 informantes para um estudo da despalatalização, iotização e apagamento do /k/ e do /ɲ/ nessa capital.

Trabalhos semelhantes têm sido feitos em outros estados, como o de AGUILHERA (1994), para o Estado da Paraná, ARAGÃO (1994), para a Paraíba e CARUSO (1983), para a Bahia, entre outros.

Nesses trabalhos, observa-se que a despalatalização e iotização estão sempre relacionadas, além dos aspectos puramente fonéticos, de articulação defeituosa ou relaxada, a fatores sociais ou distráticos, uma vez que se diz que esses fenômenos ocorrem com falantes de pouca escolaridade. Também estão relacionadas a fatores geográficos ou diatópicos, já que ocorrem em falantes da zona rural ou de regiões mais atrasadas.

Nosso objetivo ao estudar o fenômeno no falar de Fortaleza é o de descrever e analisar a realização do / ʎ / e do / ɲ /, e também observar a despalatalização, iotização e apagamento relacionados aos contextos lingüísticos, aos contextos sociolingüísticos e aos contextos locais e regionais.

Feitas as transcrições ortográficas e fonéticas do *corpus* partiu-se para uma seleção das ocorrências do / ʎ / e do / ɲ / e o estudo dos contextos lingüísticos em que ocorrem a despalatalização, a iotização e o pagamento desses fonemas.

Esta é a fase em que nos encontramos atualmente, na pesquisa. A fase seguinte será a da correlação desses fatos com os fatores sociolingüísticos e regionais caracterizadores dos informantes.

As primeiras análises indicam alguns fatos como os mostrados a seguir:

4.1.1. Apagamento do / ɲ /

No *corpus* estudado há uma predominância, quase que absoluta, do apagamento do / ɲ / antecedido da vogal fechada / i /, restando, contudo, a nasalização, como nos casos de:

['m̃ɲa > m̃i a]; [k̃a'm̃ɲu > k̃a'm̃i]; [lago'ɲa > lago'ia], e tantos outros casos.

4.1.2. Iotização do / ʎ / e do / ɲ /

Em segundo lugar, em número de ocorrências, vem a iotização do / ʎ / e do / ɲ /, em sílabas medial e final, como nos exemplos:

['fiʎu > 'fiy]; ['miʎa > 'miya]; [trabaʎa'dofi > trabaya'do];

['b̃ɲu > 'b̃y]; ['t̃ɲu > 't̃y] [ma'k̃ɲa > ma'k̃ya].

4.1.3. Permanência do / ʎ / e do / ɲ /

Fato marcante, também nesse contexto, é a permanência do / λ / e do / η / tanto em sílaba medial quanto em final, como nos exemplos:

['mi λ u]; [mi' λ ɔra]; [bɾi λ ka' λ ɔna];

[isko' λ i η na]; [ku' η esu]; [so' η adu].

Tudo parece indicar que as vogais abertas / a - ε - ɔ / posteriores ao / λ / e / η / podem ter alguma influência nessa permanência.

4.1.4. Não Ocorrências

Apesar de se esperar que ocorressem, alguns fatos não apareceram ou apareceram com uma única ocorrência em todo o *corpus*. É o caso de:

4.1.4.1. dupla iotização [λ - η > yy] que apareceu em [ga' λ i η u > ga λ iyyu];

4.1.4.2. despalatalização simples [λ > l], como em [mu' λ ε > mu'le] e [η > n], que não ocorreu nenhuma vez.

4.1.4.3. apagamento do [λ], que não ocorreu em nenhum caso.

4.2. Análise Quantitativa

Quantitativamente, podemos demonstrar as ocorrências e seus percentuais no seguinte quadro:

OCORRÊNCIAS POR FENÔMENOS

Fenômenos	Ocorrências	Percentuais	Total de Fenômenos
η > 0	179	48,24	371
λ - η > y	74	19,99	371
λ - η	118	31,80	371
Total	371	100,0%	

5. CONCLUSÃO

As primeiras análises do *corpus* analisado mostram as seguintes tendências:

- anulação do / η / em sílaba posterior à vogal fechada / i / e de final de palavra;
- iotização do / λ / e do / η / em sílabas medial e final de palavra;

- c) uma permanência do / ʎ / e do / ɲ / seguidos de vogais abertas / a - ε - o /;
- d) não ocorrência ou ocorrência com frequência mínima:
- do apagamento do / ʎ /;
 - da despalatalização do / ʎ > l /;
 - da dupla iotização do / ʎ - ɲ > yy /.

Análises posteriores serão feitas a fim de estudar se essas tendências se confirmam no restante do *corpus* e para determinar a existência, ou não, de correlação entre a despalatalização, a iotização e o apagamento de / ʎ / e / ɲ / e os fatores sociolingüísticos e regionais.

6. BIBLIOGRAFIA

- AGUILERA, Vanderci A. *O fonema / ʎ /: realização fonética, descrição e sua comparação na fala popular paranaense*. III ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA. João Pessoa: UFPB, 1988.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. *A despalatalização e a iotização no falar paraibano*. I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA. *Resumos*. Salvador: UFBA, 1994.
- _____. et al. *A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza*. XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.
- _____. et SOARES, Maria Elias (org.). *A linguagem falada em Fortaleza - Diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo*. Fortaleza: UFC, 1996.
- BERGO, Vítório. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BISOL, Leda. A palatalização e sua estrutura variável. *Estudos Lingüísticos e literários*. n. 5. Salvador: UFBA, dez. 1986, p. 151-162
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- ELIA, Sílvio E. *A unidade lingüística do Brasil - condicionamentos geo-econômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- JOTA, Zélio dos S. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- SILVA, Marinalva F. da. As seqüências “LH” e “NH” em português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 22, n. 3, p. 91-99, set. 1987.